

A REVOLUÇÃO DE 1842 NO VALE PARAÍBA - SESQUICENTENÁRIO

(A REVOLTA DE SILVEIRAS)

Pesquisa impressa abordada e distribuída amplamente no XI Encontro do IEV em Paraíba do Sul em 23.24 e 25 julho 1992, pelo autor. pelo do IEV em Resende – Itatiaia). Colaboração da Gazetilha LTDA Volta Redonda



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.

Introdução

Com a abdicação de D. Pedro I em 7 abril 1831, o Brasil entrou em fase anárquica e turbulenta, marcada por motins, revoltas e revoluções que só tiveram fim 13

anos mais tarde, com a pacificação da Revolução Farroupilha pelo Barão de Caxias, em Ponche Verde, em 1º de março, o que representou também a pacificação da Família Brasileira e a manutenção da Unidade Nacional. Pois nem a Maioridade de D. Pedro II conseguira reunificar os brasileiros agitados em função do Ato Adicional de 21 de agosto 1834 que dera maior autonomia às províncias. Assim, de 1831-1842 haviam ocorrido as seguintes revoluções ou revoltas: A Cabanagem no Pará, Pernambuco e Alagoas; a Farroupilha no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; a Sabinada na Baía; a Balaiada no Maranhão e as liberais de São Paulo e Minas Gerais: As três últimas e mais a Farroupilha foram pacificadas pelo Barão de Caxias, o que lhe valeu o singular e honroso título com que foi consagrado pela História - o de Pacificador, o que honra sobretudo o atual Estado do Rio de Janeiro onde ele nasceu e morreu. Morreu as margens do rio Paraíba que contemplou nos dois últimos anos de vida, da fazenda Santa Mônica em Valença. As revoluções de 1842 em Minas Gerais e São Paulo e a extensão desta no Vale do Paraíba e, fora da jurisdição do barão de Caxias como se verá, tiveram por motivação disputas entre liberais e conservadores, quando os últimos conquistaram o poder e os liberais mobilizaram-se para derrubá-los sob o argumento de verem no Gabinete Conservador indícios de autoritarismo, nas leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal, que criaram as chefias de Polícia nas províncias e, no ato de dissolução da Assembléia Geral. E neste contexto que eclode a Revolução de 1842 em São Paulo e que veio a envolver o Vale do Paraíba ao norte do Taubaté.

A Revolução de 1842 no vale do Paraíba

Transcorreu de 17 mai-2º ago 1992, o sesquicentenário das revoluções de Sorocaba-SP e Barbacena-MG que foram pacificadas pelo Barão de Caxias. Mas, trabalhos sobre as mesmas, em maioria, omitem manifestações radicais daqueles movimentos e dos que a combateram no Vale do Paraíba, na denominada Revolta de Silveiras que envolveu o caminho Rio-São Paulo no trecho Lorena-Silveiras-Areas-São José do Barreiro-Bananal-Piraí, onde reinava no auge o rei Café e, onde as paixões políticas atingiram altíssima temperatura, fazendo com que a violência aí, da revolução e da contra revolução, fossem maior e atingissem caráter sanguinário e de vindita.

Segundo Aluísio de Almeida, patrono de Delegacia da FAHIMTB em Sorocaba –SP os liberais da região levantaram-se em revoltas locais, sem comando único, organização, visando pessoas e terminou sendo a região de São Paulo que mais sofreu com a guerra civil que se desenrolou na Província.

Em Lorena, em 31 mai de 1842 foi formado um Diretório Revolucionário decorridos 9 dias de Caxias haver chegado em São Paulo, organizado a defesa da cidade e feito a defesa da mesma, em Mogi das Cruzes e Jacareí, face ao Vale do Paraíba.

O Diretório derrubou as autoridades de Lorena e a dominou. Era seu chefe o padre Manoel Teotônio de Castro. O Tenente Anacleto Ferreira Pinto, membro do Diretório e fazendeiro em Silveiras para lá partiu com 400 homens que reuniu, para depor a maior autoridade local, o Capitão Manoel José da Silveira, da família que deu nome ao local e, que, escudado em 60 partidários, entrincheirou-se em seu sobrado, atual Casa Paroquial, onde apresentou, com muita valentia, memorável resistência ao cerco a que foi submetido pelo Tenente Anacleto, em 2 junho, e que durou até o meio dia de 3, quando rendeu-se com promessa de garantia de vida. Segundo Aluísio de Almeida. E ao sair desarmado, mal ele apontou na porta, se ouviram alguns tiros e o Capitão Manoel José caiu morto com a cabeça escangalhada. O seu cadáver foi jogado no meio da rua e depois o arrastaram até a sua fazenda, com a barriga rasgada e partidos todos os seus ossos num estado lastimável. E assim o Tenente Anacleto ficou senhor de Silveiras.

Em 25 mai, em Taubaté, foram arrancados da cadeia e linchados dois conservadores. Então, o Vale do Paraíba de Taubaté para o norte era tributário comercial do Rio de Janeiro. Como medida cautelar o Império anexou, de 18 jun-29ago, ou por dois meses e 13 dias, ao Rio de Janeiro, as localidades paulistas de Guará, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areas e Bananal. As duas últimas quiseram permanecer nesta situação após a paz. A articulação do movimento era feito pelo Clube dos Patriarcas Invisíveis liderado, segundo alguns, pelo comendador Joaquim de Souza Breves aspirante à Presidência da Província do Rio de Janeiro, riquíssimo fazendeiro proprietário de 6.000 escravos e de 20 fazendas, entre estas a Esperança e atual do Banco, em Resende e patrimônio da Academia Militar (AMAN). Em Piraí, segundo ainda Aluísio . de Almeida, ele possuía “uma fazenda-fortaleza com muralha de 40 palmos de altura e uma só entrada por escada de pedra e forte porta.” Dali ele ameaçava e incutia medo aos conservadores. Pressionado, buscou proteção em Bananal onde o líder liberal e apoio financeiro ao movimento de Silveiras era Antônio José Nogueira. Caxias, ao contrário do que se vem afirmando, não teve ingerência nas operações contra os revolucionários no Vale do Paraíba. As operações mais de carácter policial do que militar foram conduzidas pela Província do Rio de Janeiro a qual a região em foco foi anexada temporariamente, conforme mencionado.

Em Areas, em 21, 22 e 24 junho, os revoltosos atacaram 200 homens enviados do Rio pelo litoral, dos quais 120 do Corpo de Permanentes da Corte (atual Polícia Militar do Rio de Janeiro) e 50 do Batalhão de Fuzileiros Provisório nº 1 Batalhão Defesa do Trono, ao comando do cel. Pedro Paulo Moraes Rego que salvou os Permanentes de um lance infeliz de seu comandante Castrioto. Após terem entrado sem reação em Guará, os soldados legais marcharam sobre Silveiras.

Em 12 jul, das 11 as 15 horas, distante meia légua de Silveiras, no local hoje conhecido como Trincheiras e balizado por um cruzeiro, foi travado o maior e o mais sangrento e disputado combate da Revolução de 1842 em São Paulo. Isto decorridos 22 dias da pacificação da Revolução de Barbacena, em Minas, que já dava sinais de declínio e um dia antes de Caxias conhecer em Guaratinguetá que fora nomeado para pacificar Minas, quando após viagem Taubaté-Lorena.

Em 12 jul, ao amanhecer, o cap. Manoel Antônio da Silva a frente de 120 Permanentes do Rio defrontou-se com 500 homens, em sua maioria escravos, ao comando do Tenente Anacleto e bem intrincheirados a meia légua de Silveiras. E teve lugar um combate feroz e encarniçado que durou 4 longas horas e que encheu o campo com os corpos de cerca de 50 mortos, dos quais 42 revolucionários. O combate só foi abreviado pela conquista, após um desbordamento, de um morro que flanqueava as trincheiras e que assim caíram pela manobra dos Permanentes.

A violência gera a violência! A violência inaudita contra o mártir e herói silveirense Capitão p Manoel José da Silveira, chacinado inerte em defesa de sua autoridade legítima, provocou grande violência de parte do Permanentes do Rio que foram autorizados a realizar o que passou a história como o Saque de Silveiras. O Batalhão Defesa do Trono chegou após findo o combate e permaneceu em Bananal até ser dissolvido em 16 nov. Ele teve a missão de vingar os mortos a serviço do Império. A casa do Anacleto considerado o maior responsável pelos tristes acontecimentos em Silveiras foi invadida e saqueada. Reclamações feitas não foram atendidas, uma vez que aos revoltosos foram imputadas as culpas pelos acontecimentos. E um cronista assim interpretou os fatos repressivos:

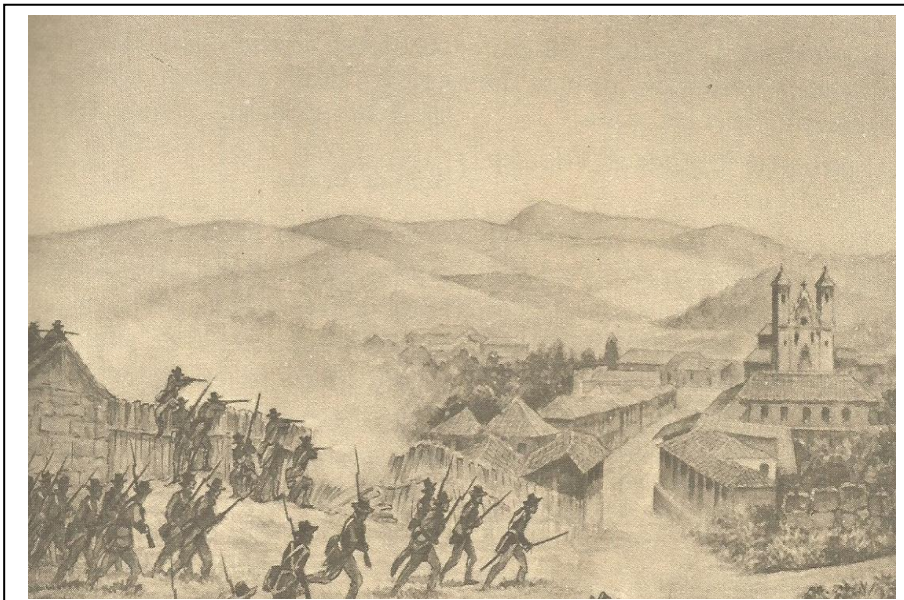
“Os céus responderam ao bárbaro assassinio do delegado de Silveiras - o mártir e herói Capitão Manoel José Silveira.” cujo sobrado, testemunha de sua bravura e martírio, hoje abriga a Casa Paroquial de Silveiras.

“Povo que não conhece a sua história corre o risco de repetí-la”, afirmou Santaina. E este episódio é rico em lições para o Vale do Paraíba. Na Revolução de 32 os revolucionários em Silveiras apresentaram vigorosa resistência em combates que duraram de 3-12 set chegando ao ponto de inflingirem um revés ao 19º Batalhão de Caçadores, E foi segundo registros, mais uma vez alvo de saques e depredações e ponto focal da resistência revolucionária. Aluísio de Almeida autor mais preciso da Revolução de 1842 em São Paulo e, em realidade, o cônego Luiz Castanho de Almeida, grande historiador sorocabano e grande autoridade no Troperismo que em Silveiras é reverenciado em Monumento e com a Festa do Tropeiro em agosto, escreve a certa altura lamentando a violência de ambos os contedores na Revolução em foco no Vale do Paraíba.

“Note-se que por onde andou o Barão de Caxias não houve saques!”.

E como dissemos, Caxias não teve atuação nos fatos aqui descritos que foram reprimidos por forças enviadas pela Corte e ao comando da Província do Rio de Janeiro. São fatos que merecem um maior aprofundamento e que estão bastante cobertos pela patina do tempo. Ouvimos neste Simpósio um participante afirmar a participação do Fuzileiros Navais de nossa Marinha participaram do combate da Trincheira. Poiz confundiu um Batalhão de Fuzileiros Policial com fuzileiros navais. Uma injustiça.

Em Resende, o líder local Cel da Guarda Fabiano Pereira Barreto impediu que a revolta atingisse Barra Mansa e Resende e os atuais Volta-Redonda, Quatis e Itatiaia, pois realizou com a Guarda Nacional a cobertura da fronteira Rio de Janeiro- São Paulo. Tão logo soube da revolta em Lorena, segundo o Presidente da Província do Rio de Janeiro ao Ministro da Justiça, o Cel Fabiano reuniu a Guarda Nacional e a colocou em estado de choque (ordem e marcha). E sua energia contribuiu para que a vila de Resende se comportasse tão brilhantemente e foi um dos que mais se distinguiram pela cooperação no restabelecimento da ordem legal em Minas Gerais ao marchar para Queluz (Conselheiro Lafaiete atual), segundo documento que Itamar Bopp publica em **A Família Pereira Barreto**. Fabiano era filho do Capotão Miguel Pedroso Barreto, gaúcho filho de Triunfo e que foi em 1801 o primeiro Tabelião de Resende, além de fazendeiro. E pai do Dr. Luiz Pereira Barreto o introdutor do café Bourbon em São Paulo, o resendense do século XIX.



Alegoria do patrono de cadeira na FAHIMTB Alcebiades Miranda Jr do ataque revolucionário a Queluz (Conselheiro Lafaiete) em 26 jul 1842, contante da História do Exército Brasileiro...v.2,p.501. Na reconquista de Queluz, participaram Guardas Nacionais de Resende e redondas.

!A 1ª pagina da publicação original distribuida aos simposista e Paraíba do Sul em 1992 e reproduzida para ser colocada no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e no Acervo da FAHIMTB na AMAN a ser colocado na Internet à disposição da Pesquisa.

INSTITUTO DE ESTUDOS VALEPARAIBANOS PARAÍBA DO SUL 23, 24 e 25 JULHO DE 1992	VI SIMPOSIO DE HISTÓRIA ^{Al} DO VALE DO PARAÍBA
--	--

A REVOLUÇÃO DE 1842 NO VALE DO PARAÍBA SESQUICENTENÁRIO

(A REVOLTA DE SILVEIRAS)

CLÁUDIO MOREIRA BENTO (*) (Do IEV em Resende - Itatiaia)

Com a abdicação de D. Pedro I em 7 abril 1831, o Brasil entrou em fase anárquica e turbulenta marcada por motins, revoltas e revoluções que só tiveram fim 14 anos mais tarde com a pacificação da Revolução Farroupilha pelo Barão de Caxias, em Ponche Verde, em 1º março, o que representou também a pacificação da Família Brasileira e a manutenção da Unidade Nacional. Pois nem a Maioridade de D. Pedro II conseguira reunificar os brasileiros agitados em função do Ato Adicional de 21 de agosto 1834 que dera maior autonomia às províncias. Assim, de 1831-42 haviam ocorrido as seguintes revoluções ou revoltas: A Cabanagem no Pará, Pernambuco e Alagoas; a Farroupilha no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; a Sabinada na Baía; a Balaiada no Maranhão e as São Paulo e Minas Gerais: As três últimas e mais a Farroupilha foram pacificadas pelo barão de Caxias, o que lhe valeu o singular e honroso título com que foi consagrado pela História - o de Pacificador, o que honra sobretudo o atual Estado do Rio de Janeiro onde ele nasceu e morreu. Morreu as margens do rio Paraíba que contemplou nos dois últimos anos de vida, da fazenda Santa Mônica em Valença As revoluções de 1842 em Minas Gerais e São Paulo e a extensão desta no Vale do Paraíba e, fora da jurisdição do barão de Caxias como se verá, tiveram por motivação disputas entre liberais e conservadores, quando os últimos conquistaram o poder e os liberais mobilizaram-se para derrubá-los sob o argumento de verem no Gabinete Conservador indícios de autoritarismo, nas leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal, que criaram as chefias de Polícia nas províncias e no ato de dissolução da Assembléia Geral. E neste contexto que eclode a Revolução de 1842 em São Paulo e que veio a envolver o Vale do Paraíba ao norte do Taubaté

